



A LEITURA DRAMÁTICA COMPARTILHADA COMO ESPAÇO DE ESCUTA E PRODUÇÃO DE AFETO NO AMBIENTE VIRTUAL

BRENDA SENEME¹;
FERNANDA VIEIRA FERNANDES²

¹Universidade Federal de Pelotas – brendaseneme@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – fvfernandes@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo relatar a experiência realizada na 2ª edição da oficina “Práticas em leituras compartilhadas de textos dramáticos”, realizada *on-line*, entre os meses de agosto e setembro de 2020, durante a pandemia de COVID-19. A oficina foi promovida pelo projeto de extensão “Leituras compartilhadas: práticas de leitura e escuta de dramaturgias”, sob a coordenação da Profa. Dra. Fernanda Vieira Fernandes, do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), e ministrada pelas discentes do curso de Teatro-Licenciatura, Brenda Seneme (bolsista PBA/Extensão/UFPEL) e Milena Vaz.

O projeto atua na instituição desde março de 2020 e foca-se em práticas que propiciem vivências de leituras compartilhadas de textos dramáticos, incentivando a formação de leitores e ouvintes críticos e reflexivos, além de acessibilizar o contato com a literatura e o teatro. Cabe destacar que a oficina precisou ser adaptada para o ambiente virtual por conta da crise sanitária, uma vez que o objetivo principal do projeto de extensão era atuar de forma presencial, especialmente em escolas do município de Pelotas, com turmas do Ensino Médio.

O principal referencial teórico para a escrita deste resumo é *Leitura e teatro: aproximação e apropriação do texto literário*, de Heloíse Baurich Vidor (2016), usado previamente nos estudos do projeto. Serão destacadas aqui a metodologia proposta no decorrer das aulas e a possibilidade de construção de afetos a partir da leitura e da escuta.

2. METODOLOGIA

Para a organização e planejamento da 2ª edição da oficina, considerou-se o grande número de inscritos em sua 1ª edição (54 inscritos para 12 vagas ofertadas). Assim, optou-se pela oferta de duas turmas e os inscritos poderiam escolher entre matricular-se na Turma 1, cujas aulas aconteceriam nas segundas e quartas-feiras, ou na Turma 2, nas terças e quintas-feiras. Aqui, o recorte abordado se dará sobre a prática realizada com a Turma 2, sob a responsabilidade das ministrantes supracitadas.

A oficina se configurou em dois encontros semanais, divididos em duas horas cada, ao longo de três semanas, de 18 de agosto a 03 de setembro de 2020, totalizando a carga horária de doze horas de atividades síncronas, através da plataforma *Google meet*, e oito horas de atividades assíncronas. O formulário de inscrição foi disponibilizado *on-line* e divulgado através das mídias sociais oficiais do projeto e da universidade, a fim de atingir a comunidade, universitária e externa. Foram ofertadas 10 vagas para cada turma, sendo três de cada uma delas reservadas a pessoas autodeclaradas pretas, pardas ou indígenas. Para se inscrever, os interessados deveriam ter dezesseis anos completos e não era

necessário que tivessem qualquer tipo de experiência prévia, tanto com teatro como com leituras dramáticas.

Figura 1: Cartaz de divulgação da oficina. Arte: Mario Celso.



Para a Turma 2, além de alunas do curso de Teatro-Licenciatura da UFPEl, inscreveram-se também alunas egressas das Letras, Jornalismo, Relações Internacionais e uma aluna do Estado do Distrito Federal. Ressalta-se que, exatamente como na 1ª edição, todas eram mulheres.

O texto escolhido para ser trabalhado com as participantes foi *Os Arqueólogos*, do dramaturgo brasileiro Vinicius Calderoni (2018). A peça apresenta cenas cotidianas e/ou banais vivenciadas por casais, crianças, pais e filhos etc., e contadas por dois personagens-narradores que se assemelham a locutores esportivos. Ao final de sua trama, descobre-se que as cenas retratavam uma época anterior a de dois arqueólogos, um velho e outro jovem, que a desvendam através de registros físicos (fotos e cartas, por exemplo). As duas figuras vivem em um futuro distópico no qual o amor é visto como uma doença e o contato físico é proibido. Por conter 18 personagens distintos, o texto possibilitou às alunas explorarem diferentes construções vocais no decorrer das aulas. A organização dessas se deu a partir de práticas corporais e jogos de leitura, extraídos de Vidor (2016), ou adaptados de exercícios propostos por autores como Spolin (2010), além do repertório próprio das estudantes ministrantes, construído ao longo das vivências da graduação e de suas carreiras teatrais.

Para que a obra fosse explorada pelas participantes em sua totalidade, as três semanas de aula se dividiram a partir das camadas do texto, sendo a primeira semana destinada a sua apresentação, discussão acerca dos conceitos básicos da dramaturgia e o que Vidor (2016) classifica como leitura de mesa (a leitura crua do texto e a reflexão de seus significados, considerando especificamente qualidades e características dos personagens). Na segunda semana, passou-se para a leitura em voz alta, a fim de se perceber enquanto leitor e buscar uma construção vocal para os personagens (relacionando as qualidades previamente discutidas das mesmas com essas construções, explorando ritmos, tons, e mudanças nas articulações faciais). Chegou-se, por fim, na última semana e no exercício final, no

qual cada aluna teve seus respectivos personagens sorteados e foi realizado o exercício de leitura dramática compartilhada. O resultado foi gravado e disponibilizado para a turma, possibilitando que, no último encontro, se discutisse sobre seus desenvolvimentos individuais, exercitando a observação, autocrítica e autoavaliação.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Não é de hoje que a leitura por si só não é tida como uma atividade prazerosa no Brasil. Vidor (2016) relata que, em uma pesquisa realizada sobre hábitos e práticas culturais na população brasileira pelo SESC São Paulo e pelo Departamento Nacional do SESC, em parceria com a Fundação Perseu Abramo, no ano de 2014, somente 0,3% dos entrevistados consideraram a leitura uma opção de atividade cultural e 31% constataram que nunca leram um livro por prazer. Além disso, a autora também chama a atenção para a falta de incentivo no que diz respeito ao contexto familiar, já que, muitas vezes, os jovens são inseridos em atividades culturais através da escola – e a obrigatoriedade das leituras acaba distanciando-os do que poderia ser experienciado como um hábito prazeroso.

Diante desse cenário parece até mesmo surreal a prática de uma oficina que vise o exercício da leitura como uma outra possibilidade, buscando disseminar a literatura dramática, explorar o exercício da escuta e imaginação, e permita que essa reverbere na voz e no corpo, tanto daqueles que a executam, como de seus receptores, ouvintes e espectadores, especialmente em ambiente virtual. Apesar disso, é possível avaliar que os resultados obtidos foram mais positivos que negativos.

A construção de uma oficina de caráter remoto e virtual implicou em assumir riscos específicos já levados em consideração em sua 1ª edição, como falhas ou quedas de conexão e maior possibilidade de evasão. Em ambas as edições da experiência, apesar dos empecilhos se fazerem presentes, constatou-se que não foram determinantes com relação à experiência proposta e ao aprendizado das participantes. O atraso devido ao tempo de resposta da internet poderia ter influenciado negativamente, entretanto, devido às dinâmicas estabelecidas com o grupo (testes com microfone e exercícios voltados para concentração, por exemplo), isso não foi um fator aparente. Com relação à evasão, de dez alunas inscritas, a oficina foi finalizada com nove participantes, um índice positivo, com apenas uma desistência.

De todos os apontamentos feitos pelas participantes no último encontro sobre o exercício da leitura compartilhada, o que repercutiu em todas foi a prática da escuta reverberando nos corpos e o acolhimento/aproximação do grupo apesar do ambiente remoto, em consonância com o que afirma Vidor:

Se a voz reverbera no corpo do leitor e do ouvinte, potencializando o aspecto emotivo da comunicação, atuando diretamente no desejo de dar vitalidade aos textos, a escuta oferece a oportunidade de aceitar, acolher o que é oferecido pelo outro, de forma que a rede de sentidos possa ser tecida num movimento de idas e vindas, expansão e retração, com a flexibilidade permitida a partir das reações ao/do outro e a si próprio. (VIDOR, 2016, p. 112)

Ainda sobre a escuta compartilhada e a consequência do acolhimento, a autora diz que “a reação a esta acolhida está relacionada com as reverberações

em nós mesmos, nem sempre uma reverberação que vai ao encontro do que esperamos, de nossas expectativas” (VIDOR, 2016, p. 111).

O caráter afetivo também se manifestou com o retorno de duas alunas, participantes da 1ª edição, tanto para a oficina, quanto para outras ações do projeto. Mesmo que o foco e objetivo principal da oficina fossem a realização de uma prática de leitura dramática compartilhada que contribuísse ao processo de formação de leitores/ouvintes e de divulgação da literatura dramática, infere-se que a intimidade gerada pelo ato de ler para outrem transformou o espaço das aulas em um produtor de afetos, gerados tanto por quem lia, quanto pelos que se dispunham a escutar.

4. CONCLUSÕES

A crise sanitária afetou diretamente os planos do projeto de extensão em questão, forçando a coordenação e os colaboradores a buscarem alternativas para que as ações continuassem a existir. Das áreas afetadas pela pandemia de COVID-19, os profissionais das artes, com destaque para as cênicas, possivelmente, serão os últimos a retomarem suas atividades. A oficina se lançou como uma ideia de promover a troca entre pessoas interessadas por teatro e literatura. Apesar dos dados apresentados acima, ainda existem aqueles que buscam o deleite na leitura, que a enxergam como uma possibilidade de criação de outros universos, de exploração da imaginação, e, especificamente no que diz respeito a essa oficina, como uma possibilidade de exploração da linguagem teatral. Para quem não tem esse hábito, a vivência da leitura compartilhada pode contribuir para a aproximação com o universo literário ao promover a leitura através do corpo, da voz, da escuta, de sensações corpóreas e do desfrute junto a outros sujeitos. A experiência é rica, portanto, para pessoas diversas, com distintos níveis de intimidade com a prática da leitura.

Calderoni (2018), em seu texto, traz um universo distópico no qual teme-se uma “epidemia dessa doença muito disseminada na Antiguidade, chamada por eles de amor” (p. 57). Há, de fato, uma epidemia acontecendo neste exato momento em todo mundo, e agravada no Brasil. Assim como nessa distopia criada por ele na ficção, os abraços e o contato físico não são permitidos. O isolamento, acompanhado de medidas de higiene básica, se mostra o meio mais eficaz para evitar a propagação do vírus. Em decorrência dessa situação, propostas para minimizar as distâncias, valendo-se de tecnologias, têm sido exploradas, e as partilhas dão espaço a uma intimidade em que o afeto acontece. Que o amor pelo ofício teatral não seja destruído, mas que sirva de potência para novos horizontes e possibilidades, e que as leituras permaneçam “vitais pelo aspecto da partilha” e se apresentem “como resistência a um mundo que quer tudo digerido, explicado, facilitado” (VIDOR, 2016, p. 63).

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALDERONI, V. **Os arqueólogos**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2018.

SPOLIN, V. **Improvisação para o teatro**. 5ª ed. 2ª reimp. Trad. e revisão Ingrid Dormien Koudela e Eduardo José de Almeida Amos. São Paulo: Perspectiva, 2010.

VIDOR, H. B. **Leitura e teatro: aproximações e apropriação do texto literário**. 1ª ed. São Paulo: Hucitec, 2016.